

Umberto Eco

*Viagem na
Irrealidade Cotidiana*

Tradução de
AURORA FORNONI BERNARDINI
e
HOMERO FREITAS DE ANDRADE



Edson Soares

Titulo original:
VIAGGIO NELLA IRREALITÀ QUOTIDIANA

© Grupo Editoriale Fabbri-Bompiani, Sonzogno, Eras S.p.A. Milão,
Dalla periferia dell'impero, 1977
Il costume di casa, 1973
7 anni di desiderio, 1983

Direitos adquiridos para a lingua portuguesa pela
EDITORA NOVA FRONTEIRA S/A
Rua Bambina, 25 - Botafogo - CEP 22.251 - Tel.: 286-7822
Endereço telegráfico: NEOFRONT
Rio de Janeiro - RJ

Revisão:
UMBERTO FIGUEIREDO PINTO
TIZIANA GIORGINI

CIP-Brasil. Catalogação-na-fonte
Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ.

Eco, Umberto. 1932 -
Viagem na Irrealidade Cotidiana / Umberto Eco; tradução de
Aurora Fornoni Bernardini e Homero Freitas de Andrade — Rio de
Janeiro: Nova Fronteira. 1984

Tradução de: Viaggio Nella Irrealità Quotidiana

I. Ensaios italianos 1. Título II. Série

84-0463

CDD — 854
CDU — 850.4

SUMÁRIO

- I. VIAGEM PELA HIPER-REALIDADE, 7
- As fortalezas da solidão, 9
 - Os presépios de Satanás, 19
 - Os castelos encantados, 30
 - Os mosteiros da salvação, 41
 - A cidade dos autômatos, 51
 - Ecologia 1984 e a Coca-Cola tornada carne, 61
- II. A NOVA IDADE MÉDIA, 73
- Projeto de Apocalipse, 75
 - Projeto alternativo de Idade Média, 77
 - Crise da *Pax* norte-americana, 80
 - A vietnamização do território, 82
 - A deterioração ecológica, 86
 - O neonomadismo, 87
 - A *Insecuritas*, 88
 - Os vagantes, 89
 - A *Auctoritas*, 91
 - As formas do pensamento, 93
 - A arte como *bricolage*, 95
 - Os mosteiros, 98
 - A transição permanente, 99
- III. OS DEUSES DO SUBSOLO, 101
- A mística de *Planète*, 103
 - O sagrado não é uma moda, 110
 - Os suicidas do templo, 117

A FALTAÇÃO ESPORTIVA

Há uma coisa que — ainda que a julgasse essencial — nenhum movimento estudantil, revolta urbana, contestação global ou o que seja, poderá jamais fazer. É invadir um estádio aos domingos.

A própria proposta se apresenta como irônica e absurda, experimentalmente fazê-la e não rir na sua cara; faça-a a sério e não apontá-lo como um provocador. E isso não pela óbvia razão de que uma massa de estudantes pode colocar coquetéis molotov nos jipes de qualquer polícia, e o máximo que acontece (por força das leis, da exigência de uma unidade nacional, do prestígio do Estado) serão não mais que quarenta mortes; enquanto o ataque a um estádio provocaria sem dúvida o massacre dos atacantes, indiscriminado, total, por parte dos probos cidadãos estarecidos com a afronta, e sem nada de maior para salvaguardar além daquele máximo Direito violado — e portanto dispostos ao linchamento total.

Porque você pode ocupar uma catedral: e terá um bispo protestando, alguns católicos perturbados, uma facção de dissidentes favoráveis, as esquerdas indulgentes, os leigos históricos (bem no fundo) felizes. E você poderá ocupar a sede central de um partido, e os demais partidos, solidários ou não, pensarão que foi bem-feito. Mas se alguém ocupasse um estádio, reações imediatas à parte, a dissociação da responsabilidade seria total: a Igreja, a Esquerda, a Direita, o Estado, a Justiça, os Chineses, a Liga pelo Divórcio e os Anarco-Sindicalistas, todos levariam ao pelourinho os criminosos. Portanto, há uma zona profunda da sensibilidade coletiva que ninguém, por convicção ou por cálculo de-

magógico, consentiria em tocar. Portanto há uma estrutura profunda do Social Concreto Máximo, se desagregado, poria em crise todo princípio associativo possível, e, por conseguinte, a presença do homem sobre a Terra, pelo menos do modo como tem estado presente nas últimas dezenas de milhares de anos. O Esporte é o Homem, o Esporte é a Sociedade.

Mas se uma revisão global das nossas relações humanas está em jogo, ela que toque no Esporte. A partir dessa raiz última descobrirá as inconsistências do Homem como animal social: aqui emergirá o que na relação de sociabilidade não é humano. Aqui se esclarecerá a natureza mistificadora do Humanismo Clássico, fundado sobre a antropologia grega, fundada por sua vez não sobre a contemplação, sobre a noção de cidade ou sobre o primado do Fazer, mas sobre o esporte como desperdício calculado, encobrimento do problema, “bate-papo” elevado ao grau do tumor. Em poucas palavras — e nos explicaremos mais adiante —, o esporte é a aberração máxima do discurso fático, e portanto — ao limite — a negação de todo discurso, e por isso o princípio de desumanização do homem, ou a invenção “humanista” de uma idéia do Homem mistificadora desde o início.

A atividade esportiva é dominada pela idéia de “desperdício”. Em princípio, todo gesto esportivo é um desperdício de energia: se atiro uma pedra pelo simples prazer de atirar — não para um fim utilitário qualquer que seja —, desperdizei calorías acumuladas através da ingestão de alimentos, realizada através de um trabalho.

Ora, esse desperdício — fique claro — é profundamente saudável. É o desperdício próprio do jogo. E o homem, como todo animal, tem necessidade física e psíquica de jogar. Há então um desperdício lúdico ao qual não podemos renunciar: exercê-lo significa ser livre e livrar-se da tirania do trabalho indispensável. Se ao meu lado, atirando uma pedra, junta-se outro para atirá-la mais longe ainda, o jogo toma a forma de “competição”: também ela representa um des-

perdício de energia física e de inteligência que fornece as regras do jogo, mas esse desperdício lúdico reduzida num ganho. As corridas melhoram as raças, as competições desenvolvem e controlam a competitividade, transformam a agressividade original em sistema, a força bruta em inteligência.

Mas já nessas definições se aninha o caruncho que cortói o gesto na raiz: a competição disciplina e neutraliza as forças da práxis. Reduz um excesso de ação, mas de fato é um mecanismo para neutralizar a ação.

Desse núcleo de equívoca sanidade (de sanidade "sã" até o ponto em que não seja ultrapassado um limite — assim como se morre por excesso daquele exercício liberador indispensável que é o riso, e Margurte explode por exagerada saúde) amadurecem as primeiras degenerações da competição: como a criação de seres humanos destinados à competição. O atleta já é um ser que hipertrofiou um único órgão, que faz de seu corpo a sede e a fonte exclusiva de um jogo; o atleta é um monstro, é o Homem que Ri, é a gueixa do pé apertado e atrofiado, destinada à instrumentalização total.

Mas o atleta enquanto monstro nasce no momento em que o esporte é elevado ao quadrado: isto é, quando o esporte, de jogo que era jogado em primeira pessoa, se torna uma espécie de discurso sobre o jogo, ou seja, o jogo enquanto espetáculo para os outros, e depois o jogo enquanto jogado por outros e visto por mim. O esporte ao quadrado é o espetáculo esportivo.

Se o esporte é praticado para a saúde, como comer comida, o esporte visto é a mistificação da saúde. Quando vejo os outros jogarem, não estou fazendo nada de saudável, e apenas vagamente desfruto a sanidade alheia (o que já seria mero exercício de voyeurismo, como quem olha os outros fazendo amor); porque de fato retiro o máximo de prazer dos acidentes que ocorrerão a quem pratica exercícios de saúde, e portanto da doença que mina essa saúde em

exercício (como quem olha não dois seres humanos, mas duas abelhas fazendo amor, à espera de assistir à morte do zangão).

É claro que quem assiste ao esporte praticado por outros, ao assistir, fica excitado: e grita e se agita, e portanto faz exercício físico e psíquico, reduz a agressividade e disciplina a competitividade. Mas essa redução não é compensada, como ao praticar esporte, por um aumento de energias, e por uma aquisição de controle e domínio sobre si: pois os atletas competem por esporte, mas os *voyeurs* competem a sério (tanto isso é verdade que depois brigam ou morrem de enfarte nas arquibancadas).

O elemento de disciplina da competitividade, que no esporte praticado tinha os dois aspectos do aumento e da perda da própria humanidade, no voyeurismo esportivo tem um só, o negativo. O esporte se apresenta então, como tem sido durante séculos, qual *instrumentum regni*. São coisas óbvias: os *circenses* freiam as energias incontroláveis da multidão.

Mas esse esporte ao quadrado (sobre o qual já são exercidos especulações e comércios, bolsas e transações, vendas e consumos decorrentes) engendra um esporte ao cubo, que é o discurso sobre o esporte enquanto assistido: esse discurso é em primeira instância o *da* imprensa esportiva, mas engendra por sua vez o discurso *sobre* a imprensa esportiva, e portanto um esporte elevado à *enésima* potência. O discurso sobre a imprensa esportiva é o discurso sobre um discurso na medida em que vê o esporte alheio como discurso.

O esporte atual é essencialmente um discurso sobre a imprensa esportiva: para além de três diáfragmas está o esporte praticado, que no limite poderia não existir. Se por uma diabólica maquinação do governo mexicano e do senador Brundage, aliados com as cadeias de televisão do mundo inteiro, as Olimpíadas não acontecessem, mas fossem contadas dia a dia e de hora em hora com imagens ficícias, nada

mudaria no sistema esportivo internacional, nem os que falam de esporte se sentiriam logrados. Portanto o esporte como prática não mais existe, ou existe por motivos econômicos (visto que é mais fácil um atleta correr do que inventar um filme com atores que fingem correr): e existe apenas a falação sobre a falação do esporte: a falação sobre a falação da imprensa esportiva representa um jogo com todas as suas regras: basta escutar aquelas transmissões radiofônicas de domingo de manhã onde se finge (elevando o esporte à *enésima* potência) que alguns cidadãos reunidos no barbeiro conversam sobre esporte. Ou então é possível surpreender onde tais conversas acontecem.

Ver-se-á, como todos todavia já sabem, que as avaliações, as ponderações, os argumentos, as falasções polémicas, as difamações e os triunfos seguem um ritual verbal muito complexo mas de regras simples e exatas: nesse ritual se exercitam e se neutralizam as energias intelectuais; as energias físicas não estão mais em jogo; portanto a competição se desloca a mero nível "político". De fato a falação sobre a falação esportiva tem todas as aparências do discurso político: ali se diz o que os governantes deveriam ter feito, o que fizeram, o que queríamos que fizessem, o que aconteceu e o que acontecerá: só que o objeto não é a Cidade (e os corretores do Palácio do Governo) mas o estádio com seus bastidores: tal falação, portanto, aparenta ser a paródia do discurso político; mas uma vez que nessa paródia se destemperam e se disciplinam todas as forças que o cidadão tinha para o seu discurso político, tal falação é o sucedâneo do discurso político, e chega a sê-lo a tal ponto que se torna ela própria o discurso político. Depois, não sobra mais espaço. E como quem comenta o esporte, se deixasse de fazê-lo, se daria conta de ter possibilidades de julgamento, agressividade verbal, competitividade política a serem usadas de algum modo, o comentário esportivo o convence de que essas energias são gastas e canalizadas para alguma coisa. Aplacada a dúvida, o esporte desempenha o seu papel de falsa consciência.

E, uma vez que a falação sobre o esporte dá a ilusão de ter interesse pelo esporte, a noção de *praticar o esporte* confunde-se com aquela de *falar o esporte*; o falante se considera esportista e não percebe mais que não pratica o esporte. Desse modo não se dá conta de que não poderia praticá-lo, porque o trabalho que faz, quando não está falando, o enfraquece e tira-lhe as energias físicas e o tempo para praticar o esporte.

Essa falação é aquela cuja função Heidegger esboçava em *Sein und Zeit*: "A falação é a possibilidade de compreender tudo sem qualquer apropriação preliminar da coisa: a falação garante já de saída contra o perigo de falhar em tal apropriação: a falação, que está ao alcance de todos, não só desobriga da tarefa de uma autêntica compreensão mas foge a uma compreensibilidade indiferente através da qual nada mais de incerto existe... A falação não pressupõe a volição de um engano. A falação não tem um modo de ser do consicente fazer ver algo como algo diferente... A falação portanto, em virtude de sua indiferença a respeito da necessidade de remontar ao fundamento daquilo que é dito, é sempre, desde as origens, um fechamento."

Certamente Heidegger não pensava numa negatividade total da falação: a falação é o modo cotidiano pelo qual nós somos falados pela linguagem preexistente em vez de amoldá-la para fins de compreensão e descoberta. E é um comportamento normal. Para ela, porém, "o que importa é que se fale. E estamos aqui naquela função da linguagem que para Jakobson é a função "fática" ou de contato. Ao telefone (respondendo "sim, não, claro, está bem...") e na rua (perguntando "como vai?" a alguém cuja saúde não nos interessa, e ele sabe disso, tanto que brinca de responder "bem, obrigado") fazemos discursos fáticos indispensáveis para manter uma ligação constante entre os falantes; mas os discursos fáticos são indispensáveis justamente porque mantêm em exercício a possibilidade de comunicação, para fins de outras e mais substanciais comunicações; se essa função se

hipertrofia, temos um contato contínuo sem qualquer mensagem. Com um rádio ligado fora de sintonia, com um ruído de fundo e algumas descargas, nos avisando de que estamos, claro, numa certa comunicação com algo, mas não nos permitindo ficar sabendo de nada.

A falação será então o discurso fático tornado fim em si mesmo: mas a falação esportiva é algo a mais, um discurso fático contínuo que se apresenta enganadoramente como o discurso sobre a Cidade e seus Objetivos.

Surgida como elevação à enésima potência daquele desperdício inicial (e calculado) que era o jogo esportivo, a falação esportiva é a magnificação do Desperdício e por isso o ponto máximo de Consumo. Sobre ela e nela o homem da civilização de consumo consome diretamente a si próprio (e a toda possibilidade de tematizar e julgar o consumo decorrente ao qual é convidado e submetido).

Lugar da Ignorância total, ele constitui tão profundamente o cidadão que, nos casos limites (que são muitos), ele se recusa a discutir essa sua disponibilidade cotidiana à discussão vazia. E portanto nenhum apelo político poderia exercitar uma prática que é a falsificação total de qualquer disponibilidade política. Por isso nenhum revolucionário teria coragem de revolucionar a disponibilidade à falação esportiva; o cidadão envolveria o discurso contestatório transformando seus dizeres em dizeres de falação esportiva, ou restando de repente, e com desconfiança desesperada, a intrusão da razão em seu razoável exercício de racionalíssimas regras verbais.

Por isso os estudantes mexicanos morreram em vão. Por isso parece razoável que um atleta italiano tenha dito com nobreza: "Se matarem mais não saltarei." Mas quantos teria sido preciso matar para não fazê-lo saltar não foi estabelecido. Caso ele não saltasse, teria bastado aos outros falar do que teria acontecido caso tivesse saltado.

Il Costume di Casa, 1969

O MUNDIAL E SUAS POMPAS¹

Muitos leitores desconfiados e maldosos, vendo que eu trato do nobre jogo do futebol com distanciamento, tédio e (até mesmo) má vontade, não deixarão de insinuar a vulgar suspeita de que não amo o futebol porque, na verdade, o futebol nunca me amou, pois desde criança pertenceo àquela categoria de crianças ou adolescentes que, só de tocar na bola — se é que conseguem chegar até ela —, a atiram imediatamente contra sua própria rede e, no melhor dos casos, a passam para o adversário, quando não a deixam cair, com ferrenha obstinação, fora do campo de jogo, para além de cercas e grades, perdida em porões, riachos ou afogada, entre vários sabores, na carrocinha do sorveteiro —, de modo que os companheiros nunca os querem no time e os excluem das mais alegres ocasiões agonísticas. Nunca terá havido suspeita mais lucidamente fundada.

Vou dizer mais. Na tentativa de sentir-me como os outros (como um jovem homossexual aterrorizado, que repete obstinadamente para si mesmo que as meninas "devenn" lhe agradar), pedi muitas vezes a meu pai, torcedor equilibrado apesar de assíduo, para me levar ao estádio junto com ele. E um dia, enquanto observava de longe os movimentos insensatos lá embaixo, no campo, senti como se o sol alto do meio-dia envolvesse numa luz enregeladora homens e coisas, e como se diante de meus olhos se desenrolasse um espetáculo

¹ Este artigo tinha sido escrito para o Mundial de 1978. Com poucas alterações e mais alguma paixão serviria também para o de 1982. O encanamento do futebol é não sofrer modificações.

culo cósmico sem sentido. Era aquilo que mais tarde, lendo Otriero Otrieri, teria descoberto como sendo o sentimento da "irrealidade cotidiana", mas naquela época tinha treze anos e traduzi à minha maneira: pela primeira vez duvidei da existência de Deus e comecei a achar que o mundo era uma ficção sem sentido.

Assustado, ao sair do estádio fui logo me confessar com um sábio capuchinho, o qual me disse que a minha era uma idéia bem esquisita, uma vez que em Deus haviam tranquilamente acreditado pessoas da mais alta confiança como Dante, Newton, Manzoni, Gioberti e Fantappiè. Intrigado com esse consenso, adiei de quase uma década minha crise religiosa — digo isso para explicar como, desde sempre, o futebol está ligado, para mim, à ausência de sentido e à inutilidade das coisas, ao fato de que o Ser outro não possa ser (ou não ser) outra coisa a não ser um buraco. Quem sabe por isso mesmo eu (único, creio, entre os seres viventes) sempre associei o futebol com as filosofias negativas.

Dito isso, perguntarão por que então escolhi para falar agora dos campeonatos: é muito simples, a direção do *Espresso*, num ímpeto de vertigem metafísica, insistiu para que se falasse do acontecimento segundo uma perspectiva de total distanciamento. Desse modo procurou-me e nunca houve escolha mais acertada.

Devo logo dizer porém que isso não significa que eu seja contrário à paixão pelo futebol. Até a aprovo e chego a considerá-la providencial. Aquelas multidões de torcedores collidos pelo enfarte nas arquibancadas, aqueles juizes que pagam um domingo de glória com a exposição de sua pessoa às mais graves injúrias, aqueles excursionistas que descem dos ônibus sangrando, feridos pelos vidros, apedrejados, aqueles rapagões festivos que de noite rodam embriagados pelas ruas, com a bandeira que desponta da janelinha do Fiat superlotado, que logo logo vai se chocar de encon-

tro a um *Tir*,* aqueles atletas psicicamente comprometidos por lancinantes abstinências sexuais, aquelas famílias desmurchadas economicamente por se terem dobrado a insanos mercados negros, aqueles fanáticos que acabam cegos pelos fogos que explodem na comemoração, enchem meu coração de alegria. Sou favorável à paixão pelo futebol como sou favorável aos rachas, às competições dos motoqueiros à beira do abismo, ao pára-quedaismo desvairado, ao alpinismo mítico, à travessia oceânica em barcos de borracha, à roleta-russa e ao uso da droga. As corridas apuram as raças e todos esses jogos levam afortunadamente à morte dos melhores, consentindo à humanidade continuar tranquilamente seu curso com protagonistas normais e medianamente desenvolvidos. Num certo sentido, estaria de acordo com os futuristas em que a guerra é a única higiene do mundo, não fosse por uma única pequena correção: ela o seria caso se consentisse que apenas os voluntários a fizessem. Infelizmente ela envolve também os refratários e por isso é moralmente inferior aos espetáculos desportivos.

É claro que me refiro aos espetáculos esportivos e não ao esporte. O esporte, entendido como ocasião em que uma pessoa, sem fins lucrativos e empenhando diretamente seu corpo, realiza exercícios físicos em que põe seus músculos a trabalhar, seu sangue em circulação e seus pulmões em plena atividade, o esporte, dizia, é coisa bellissima, ao menos tanto quanto o sexo, a reflexão filosófica e o jogo de azar quando as fichas das apostas são grãos de feijão.

Mas o jogo de futebol nada tem que ver com o esporte assim entendido. Não para os jogadores, que são profissionais submetidos a tensões não diferentes das de um operário da linha de montagem (afora algumas insignificantes diferenças salariais), não para os espectadores, isto é, a maioria —

* Caminhão grande, usado em geral para transportes internacionais. (N. do T.)

que justamente se portam como fileiras de sexomaníacos que vão regularmente esprirear (não uma vez na vida em Amsterdã, mas todos os domingos, e em lugar de fazer) casais que fazem o amor ou fingem fazê-lo (ou como as crianças paupérrimas de minha infância a quem se prometia levar para ver os ricos tomarem sorvete).

Uma vez colocadas essas premissas, fica claro por que nessas semanas eu me sinto bastante relaxado. Neurotizado que estava, como todos nós, pelos recentes e trágicos acontecimentos, saído de um trimestre em que se tinha de ler muitos jornais e ficar grudado à tevê, à espera da última mensagem das brigadas vermelhas, ou da promessa de uma nova *escalation* do terror, agora posso evitar ler os jornais e olhar a tevê, procurando, no máximo, na oitava página, notícias sobre o processo de Turim, a Lockheed e o *referendum*: quanto ao resto, fala-se daquilo de que eu não quero saber — e os terroristas, que têm o sentido de *mass-media* bastante desenvolvido, sabem disso muito bem e nada tentam de interessante, pois seriam relegados à seção de crimes ou de culinária.

Não se trata de perguntar por que os campeonatos popularizaram morbidamente a atenção do público e a devoção dos *mass-media*: desde a conhecida história da comédia de Terêncio, à qual ninguém ia por causa do espetáculo dos urso, as agudas considerações dos imperadores romanos sobre a utilidade dos circenses até o uso sagaz que as ditaduras (inclusive a argentina) sempre fizeram dos grandes acontecimentos agonísticos, fica tão claro e patente que a maioria prefere o futebol ou o ciclismo ao aborto, e Bartali a Togliatti, que nem vale a pena tecer consideração a respeito. Mas, já que sou levado a considerar o assunto por solicitações externas, convenhamos que nunca, como agora, a opinião pública, especialmente na Itália, precisou tanto de um belo campeonato internacional.

De fato, como já tivera ocasião de observar em outra oportunidade, a discussão sobre o esporte (reíro-me ao

espetáculo esportivo, ao fato de se falar do espetáculo esportivo e dos jornalistas que falam sobre o espetáculo esportivo é o substituto mais fácil da discussão política. Em vez de se julgarem os atos do ministro das Finanças (para o que é preciso entender de economia e de outras coisas), discutem-se os atos do treinador; em vez de se criticarem as posições do deputado, critica-se a posição do atleta; em vez de se perguntar (pergunta difícil e obscura) se o ministro fulano assinou ou não pactos ainda mais obscuros com o poder sicrano, pergunta-se se a partida final ou decisiva terá sido fruto do acaso, da forma atlética, ou de alquimias diplomáticas. O discurso futebolístico requer uma competência não vaga, decerto, mas, de uma forma geral, restrita, bem concentrada; permite assumir posições, expressar opiniões, propor soluções sem que ninguém seja detido, ou fique por isso exposto ao Radikalerlassen ou, em todo caso, à suspeita. Não impõe que se tenha de decidir como intervir pessoalmente, porque se fala de algo que é determinado fora da área de poder do falante. Permite, em suma, brincar de gerir a Coisa Pública sem todos os cuidados, os deveres, os dilemas da discussão política. Está para o adulto masculino como o jogo de mamãe para as meninas: um jogo pedagógico que ensina a manter seu próprio lugar.

Imaginemos então num momento desses, quando se ocupar da Coisa Pública (aquela verdadeira) é tão traumático. Diante de uma escolha desse gênero, somos todos argentinos, e aqueles quatro ou cinco deles que ficam nos abortecendo com a lembrança de que de vez em quando algum deles desaparece por lá, que tenham a cortesia de não nos perturbar o prazer dessa representação. Já os ouvimos antes, com educação, que mais pretendem? Afinal, esses campeonatos são como o queijo no macarrão. Até que enfim algo que não tem a ver com as brigadas vermelhas.

Sobre elas, a propósito, o leitor não completamente desligado sabe que circulam duas teses (naturalmente considerado apenas as hipóteses extremas, a realidade é sempre um

pouco mais complicada). A primeira tese quer que sejam um grupo obscuramente movido pelo Poder, quem sabe estrangeiro. A segunda tese quer que sejam "companheiros equivocados", que se portam de modo execrável graças a motivos, no fim das contas, nobres (um mundo melhor). Ora, se a primeira tese for verdade, brigadas vermelhas e organizadores de campeonatos de futebol pertencem à mesma articulação do poder: uns desestabilizam no momento certo, os outros reestabilizam no ponto preciso. Ao público pede-se que acompanhe Itália-Argentina como se se tratasse de Curcio-Andreotti e de fazer, possivelmente, uma loteca sobre as pernas de quem serão visadas nos próximos atentados. Se, ao contrário, for verdadeira a segunda tese, as brigadas vermelhas são realmente companheiros que se enganam e muito: porque se dão tanto trabalho com tanta boa vontade para assassinar políticos e estourar linhas de montagem, mas o poder não está lá, infelizmente, está, isso sim, na capacidade de que tem a sociedade de redistribuir logo em seguida a tensão para outros pólos, bem mais próximos do espírito das multidões. Existe a possibilidade de luta armada no domingo do campeonato? Talvez fosse preciso fazer menos discussões políticas e mais sociologia dos circenses. Mesmo porque existem circenses que não aparecem como tais, à primeira vista: por exemplo, certos embates entre polícia e "extremismos opostos" que ocorrem em certos lugares apenas aos sábados das cinco às sete da tarde. Será que Videla tem elementos infiltrados na sociedade italiana?

L'Espresso, 19 de junho de 1978

A FALSIFICAÇÃO E O CONSENSO

O estudante que encontrei em outubro passado na biblioteca da Universidade de Yale vinha da Califórnia. Estávamos tentando os dois obter o mesmo exemplar de um jornal italiano e assim descobri que ele tinha vivido na Itália. Descemos ao bar do porão para fumar um cigarro e falando de várias coisas ele citou-me um livro italiano que o tinha impressionado muito, mas do qual não lembrava nem o autor nem o título. "Espere", disse-me, "vou perguntar para uma amiga minha de Roma. Tem dez cents?" Enfia os dez cents no telefone ao lado, fala com a telefonista, espera trinta segundos e entra em comunicação com Roma. Conversa com a amiga por uns bons quinze minutos, volta e me entrega os dez cents, que o telefone devolveu. Penso que telefonou por conta da destinatária, mas ele me diz que usou o número de código de uma multinacional.

No sistema telefônico norte-americano (de que os norte-americanos não param de queixar-se, por não conhecerem os outros) pode-se chamar Hong Kong, Sidney ou Manila fornecendo o número de uma especial carta de crédito individual. Muitos gerentes das grandes firmas usam a carta coletiva. O número é altamente reservado, mas uma infinidade de estudantes, especialmente se vêm de departamentos tecnológicos, o conhecem. Pergunto se a multinacional não acaba percebendo que todos usam seu número na hora de conferir as contas. Claro que percebe, mas tem um orçamento anual para telefones e gastaria tempo demais com controles miúdos. Acrescenta na conta algumas dezenas de milhares de dólares de telefonemas clandestinos. E se controlassem?